

P.A.B. Nº 64
O BOLETIM de AUDITOR PROFISSIONAL

A mais Antiga Publicação Contínua em Dianética e Cientologia

De L. RON HUBBARD

Via Gabinete de Comunicações Hubbard
163 Holanda Parque Avenida, Londres W.11,

28 de Outubro de 1955

PRIMEIRO POSTULADO

Nós nos temos aqui uns poucos de dados em que você poderia estar interessado. Isto tornará este primeiro postulado um pouco mais claro.

O estado nativo de um theta seria o primeiro postulado real, não seria? Há uma estranheza que ocorre: Ele continua a insistir neste Claro de estado de nativo até o fundo da escala.

Dêmos uma olhada nisto. De facto, no seu estado nativo, ele sabe tudo sem olhar, ou qualquer coisa, mas não sabe qualquer particularidade dos dados. Estes são todos inventados. Logo, o que você realmente chamaria a isto seria uma potencialidade, ou Pan-sabedoria.

Agora à medida que nós continuamos para baixo na escala, ele insiste na sabedoria, por toda a escala abaixo, só que ele põe isso na forma de dados, e inverte a sabedoria de maneira que tudo o que ele sabe sejam dados, e perde a capacidade de saber.

Outra coisa ocorre à medida que ele vai pela escala abaixo do topo ao fundo: Ele não está a olhar para nada, e nós descobrimos que finalmente ele começa a insistir nesta condição. Começa a usar óculos sem ver, vendo negrume e assim sucessivamente. Tudo que ele está a fazer é insistir em que não está a olhar para nada.

Peguemos noutra coisa destas: No estado nativo ele não tinha qualquer espaço, e logo vai pela escala de tom abaixo directo ao fundo insistindo em não espaço. Só, como é que ele finalmente faz para fazer não espaço? Ele começa a puxar toda a energia para cima dele próprio, e compacta-se a si próprio, realmente apertado, e lá está a fazer "não espaço" comprimindo tudo junto. Mas ainda está a insistir no estado nativo.

Há muitos destes estados nativos que você pode examinar, e verá que consegue deles toda uma fiada de primeiros postulados. Eis aqui os estados nativos, e eles na verdade são primeiros postulados.

É peculiar notar que os theta insistem uns com os outros que estão nos seus estados nativos, e a forma como eles o fazem este é dizer: "seu estúpido", "tu não sabes nada disto", "tu não tens dados", "tinha que estar na prisão", "não deverias ter qualquer espaço", "não te deverias mexer" (a polícia está sempre contra que as pessoas se movam).

E insiste, de uma forma ou de outra, que a pessoa não tem nada. Eles dizem, "tu não podes ter nada".

Por outras palavras, toda a sociedade dramatizará este estado de nativo até certo ponto, mas em que horrível harmónica! Logo um theta, pouco depois, começa a acreditar que todos estes postulados dos estados nativos são maus. Por isso, ele tem que os evitar, por isso ele fica emaranhado, e apanhado.

Nós examinámos isto em processamento, e mudámos então do processo Locacional, através de Comunicação Duas vias, para os processos subjectivos. Por isso, os processos subjectivos deveriam ser todos processos de primeiro postulado, e os inferiores a eles seriam: "algo que não te importarias de esquecer". Jamais correria: "algo que não te importarias de lembrar".

Certo, há dois outros processos que andam juntos nesta faixa subjectiva que são intensamente interessantes. Eles são bastante exequíveis.

Agora você comprehende que faz "Estação União", ou objectos em processamento Locacional, em "**o que é que você não sabe sobre aquele objecto?**" e "**o que é que aquele objecto não sabe sobre você?**" Mas agora temos outros lugares onde nós podemos ir, e um dos lugares onde vamos é, é claro, para a faixa de processos subjectivos que fica acima de Comunicação Duas vias.

Alguns dos processos subjectivos que são os mais interessantes são; "encontra algum não-espacó", "Diz-me algumas coisas para que não estás a olhar", "Diz-me algumas coisas que não te estão a olhar".

Você vê logo que estas são situações de estados nativos, logo são, processos subjectivos muito, muito bons. Eles são corridos numa base de fio directo. Logo você vê o grupo limpo que isso faz. Mas os que correm mais rapidamente são estes processos de primeiro postulado. "**o que é que você não está a olhar?**" "**O que é que não te está a olhar?**" "**Localiza algum não-espacó**", "**O que é que não tens que localizar?**" "**algo que não te importarias de esquecer**" – todos estes são intensamente exequíveis.

Nós mudaríamos daí para uma nova estranheza, e isso seria 8-C. Já ouviu falar de 8-C?

Sabe porque é que 8-C funciona? 8-C funciona de uma maneira muito interessante. Funciona totalmente numa tolerância de comando, e a contínua postulação de sentir ou ver alguma coisa. 8-C, como processo, assume o estado nativo num theta e então diz-lhe que vá para o segundo postulado.

Eis um theta. Você está a processá-lo. Você está evidentemente a assumir que ele está num estado nativo porque lhe está a dizer: "Olha para a parede". Logo você assumiu que ele não estava a olhar para a parede antes de lhe dizer, "Olha para a parede". Você está a assumir a automação do segundo postulado. É por isso que funciona.

A terceira parte de 8-C é só assumir mais segundos postulados. Ele diz, "não estou a olhar para nada. Agora vou olhar para alguma coisa. Agora olho para aquela coisa. Agora eu vejo essa coisa".

Nós poderíamos provavelmente revestir 8-C de um pouco mais de exequibilidade nesta base, mas eu não acho necessário, neste momento, porque funciona só como está. Mas talvez você devesse compreender isto um pouco melhor só na base de que nós assumimos, durante todo o 8-C, não que o fulano está louco, mas que ele está num estado nativo, e que a atenção dele tem que ser dirigida para coisas.

Logo nós assumimos todas estas automações, e ele vem pela escala acima.

Agora apliquemos este princípio do estado nativo a Procedimento de Abertura por Duplicação. Nós estamos a dizer-lhe outra vez que olhe para um objecto, e que olhe para outro objecto. Naturalmente, ele pôde totalmente duplicar o objecto. Agora ele não sabe nada sobre o objecto, logo nós poderíamos correr "não saber" aqui outra vez. Poderíamos dizer: "vês aquele livro? Caminha até ele. Apanha-o". E agora nós corremos-lhe um primeiro postulado mais alto: "O que é que tu não sabes sobre isto?" "Tudo bem. Coloca-o exactamente no mesmo lugar. Vês aquela garrafa? Caminha até ela. Apanha-a. Certo, diz-me alguma coisa que tu não sabes sobre ela".

Você poderia correr isto nesta mesma base também num primeiro postulado, e seria um processo intensamente funcional.

É claro, quando subimos para Remédio de Havingness, nós estamos a assumir que ele não tem nada, e nós estamos a dar-lhe alguma coisa. Logo, estamos a assumir a automação de ter alguma coisa, mas estamos a assumir outra vez que ele está num estado nativo. O processo assume isto, e então fá-lo dramatizar conscientemente o segundo postulado. Ter alguma coisa. Não tinha nada, agora ele tem alguma coisa.

Quanto à Rota I, a Rota I é de longe mais um estado nativo do que estar num corpo, e exercícios, por si só, é claro, realizariam um grande bocado. Mas você poderia tomar a Rota I e perguntar-lhe o que ele não sabe destas várias localizações na Grande Volta, e estes incidentes, pela banda acima, estoirariam.

A nossa assunção, como auditores, de que o thetan está num estado nativo, e que então nós o vamos pôr a tomar conta da automação de viver fazendo-o ele próprio, é muito válido, e é evidentemente o que produz o maior resultado neste momento.

Então eis só uma pequena mudança de ideias da maneira de olhar o Processamento. Tomamos o estado nativo de um thetan. Determinamos: "O que é o estado nativo do thetan?" Ele não está em contacto com espaço, energia, massa. Não tem dimensão. Tomamos isto como primeira condição. Ele pode fazer um postulado a partir desta condição, e então ele faz um segundo postulado, e o segundo postulado é uma mentira.

Você pode assumir que ele está num estado nativo, e fazê-lo fazer o primeiro postulado, e terá um processo intensamente funcional. Nós assumimos que ele sabe tudo o que há a saber sobre as pessoas, e então dizemos: "tudo bem. Diz-me alguma coisa que tu não sabes acerca daquela pessoa". Estamos imediatamente a correr o primeiro postulado.

Agora se assumir que um thetan está em mau estado, arado em, e nem sequer vagamente no estado nativo, você tenderá a correr-lhe processos nos quais entrará em parafuso. Se você o está a correr a partir da atitude que ele tem para subir a escala a fim de sentir uma parede, é uma coisa de nada.

A atitude a partir da qual o deveria correr é: eis aqui este pobre thetanzinho, todo estúpido, e nós vamos mostrar-lhe uma parede. Vamos descobre essa compreensão dele, então, prossegue a uma taxa muito mais alta.

Você obterá aqui, mais cedo ou mais tarde, uma coisa muito importante. É de facto o auditor que está lá, comunicação duas vias e a assunção do estado nativo do preclaro que produz a audição.

Quando particulariza muito solidamente num processo sem prestar atenção a estas três coisas, você não obtém nenhuma audição.

L. RON HUBBARD